

A FOLHA

Nova Iguaçu, 02 de março de 1975

Nova Iguaçu, o outro lado da noite

Com o título acima o "Jornal do Brasil" publicou uma matéria a respeito de Nova Iguaçu que resumimos para nossos leitores:

"O centro comercial de Nova Iguaçu ganha vida todas as madrugadas. Isso não decorre das milhares de famílias que madrugam porque o chefe da casa tem que tomar a condução antes de o sol despontar, trens e ônibus superlotados para mais uma jornada de trabalho. Há uma outra população que povoa as madrugadas iguaçuanas, a que recorre aos serviços do INPS na região e guarda lugar nas filas dos cinco postos de atendimento, já a partir de meia-noite.

Começamos pelo posto de urgência, bem na entrada da cidade, viaduto do km 15: um barracão de madeira pintada de verde, em tudo deficiente, a ponto de alguns médicos afirmarem que até hoje este posto do Samdu não conseguiu o "habite-se" da Saúde Pública.

Em nosso roteiro, o segundo posto é o de perícias médicas, da rua 13 de Maio, o mais perigoso de todos e onde os conflitos explodem com tamanha frequência que, hoje, o interior do posto se assemelha ao pátio de uma penitenciária, até no excesso de grades e de policiais, empunhando armas no alto das escadarias. São acidentados de trabalho, na maioria portadores de problemas psiquiátricos, definidos por um médico como "os que perdem a cabeça, não por angústias existenciais, em moda, mas por uma tonelada de problemas entre salário baixo e família numerosa".

No posto da rua Nilo Peçanha, mais de mil pessoas num cálculo otimista fazendo uma espécie de trança no quarteirão, dezenas ainda chegando ao amanhecer e formando uma corrente sonolenta: homens de côcoras, mulheres recostadas nas

paredes e, mais tarde, muitas crianças. Esse posto funciona para matrícula e atendimento médico infantil.

Às sete horas, quando a porta se abriu, um funcionário percorreu, acompanhado por um guarda, a fila da direita dando números. Quando chegou em 150, gritou que ninguém mais seria atendido, e saiu seguido de perto pelo guarda. Alguns homens correram atrás deles, gritando palavrões e imprecações. Mais de 200 pessoas que ali madrugaram para "garantir número" acabaram tendo uma noite perdida.

O Rio é o paraíso para os moradores da Baixada Fluminense, sobretudo em matéria de atendimento médico-hospitalar. Mais de 60% da população da Baixada é atendida no Rio, porque é para o Rio que são canalizados por uma falha burocrática do INPS os 8% descontados dos salários de 70% da população economicamente ativa dos municípios da Baixada. Para o planejamento do INPS não conta o fato de as cidades-dormitórios terem de atender todo esse pessoal e mais os seus dependentes, que lá continuam residindo. Daí decorre uma situação gravíssima no setor de saúde da Baixada.

Outra fila longa de trabalhadores a contrastar com as madrugadas de outras cidades se estende pela rua Otávio Tarquínio. Era de atendimento ambulatorio, mas de ambulatorio só tem, a rigor, o nome, servindo, quando muito, de mero encaminhador de doentes para casas de saúde particulares.

Com o avançar do dia a massa de trabalhadores toma conta do centro de Nova Iguaçu, superlota a estação rodoviária e produz outras filas nos pontos de ônibus, enquanto as filas do INPS vão sendo sugadas lentamente para dentro dos postos, onde se lê na entrada um V escrito a mão: vexames.

CATABIS & CATACRESES

Por que brasilino avança como caranguejo, se tudo melhorou?

1. Não se entende, leitor. O dr. diretor geral da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos afirma que tudo melhorou, que vai aumentar a tarifa de uns e outros a bem da maior melhora, etc. E brasilino sente na carne que os correios e os telégrafos não funcionam. Como entender?

2. Não se entende, leitor. O dr. presidente do Instituto Nacional de Previdência Social toma decisões acertadas e esperadas, diz que tudo melhorou e vai melhorar mais e mais. E brasilino sente na carne que o atendimento continua precário. Como entender?

3. Não se entende, leitor. O dr. afirma que melhorou a situação do homem do campo, agora protegido pelas leis trabalhistas, com direito a 13ª, a férias, a aposentadoria, a salário família, etc., etc. E brasilino, enxada na mão

calejada de tanto esperar, espera, espera que a noite se faça aurora e a aurora se torne dia. Como entender?

4. Não se entende, leitor. Mas o dr. Millor, da inclita geração dos Fernandes, descobriu o ovo de Colombo mais uma vez quando ensinou de sua cátedra ("Veja", 04-12-74): "Se o mundo fosse feito à base de caráter, ia faltar muito material". Como não entender?

5. O que vem confirmado naquele provérbio de fundo pessimista (ou realista, segundo as posições filosóficas) que diz: "Caranguejo, por ser muito cortês, perdeu a cabeça". Eu hem?

6. Donde se conclui que brasilino é cortês demais, né?

IMAGEM DO QUASE VÍN- CULO EM- PREGATÍCIO

1. Que era candidata ao emprego. Secretária? pergunto à balzaqueana aparentemente classe B que se apresenta, alta costura, peruca, maquiagem de bom gosto, gestos educados, etc. Secretária não senhor: cozinheira. Disseram-me (isto mesmo: pronome à Cândido de Figueiredo) que V. Excia. procurava cozinheira e como estou presentemente liberada de qualquer vínculo empregatício... Tento explicar que há um mal-entendido, mas ela insiste em identificar-se: Margot d'Alençon. O sr. sabe francês?

2. Sou filha de franceses e cozinheiro à francesa. Alta cozinha. Está admirado da minha classe? Tento explicar que há um equívoco mas d. Margot insiste que tenho as melhores referências de Copacabana, Leblon, Ipanema, etc. Quer ver uma parte mínima do meu arquivo particular? E ameaça tirar da bolsa a coleção de documentos laudatórios, cartas de apresentação, recomendações, diplomas, certificados, condecorações, meu Deus, sim senhor, também assistente social, enfermeira com vários cursos de dietética...

3. E fala, fala, fala com tanta correção de linguagem, com tanta cultura que eu corro perigo de perder o apetite, de ver sepultados todos os excelentes pratos da brasileira arte de cozinhar. Consigo dizer que houve um engano, que não preciso de cozinheira, graças a Deus. Dona Margot levanta-se com elegância e protesto: Tem medo de mim? E como eu procurasse explicar que o problema de cozinheira... Ela despede-se não sem afirmar que eu preciso modificar radicalmente minha imagem de cozinheira. Ra-di-cal-men-te! (A. H.).

QUESTÕES ATUAIS

Aspectos cotidianos da fraternidade cristã

Secção dos leitores: espelho do desamparo do povo — Campanha da Fraternidade pode moralizar os serviços públicos? — Exemplos — Segurança: um postulado da justiça social — Soluções legais são necessárias mas não bastam — Onde se insere a fraternidade cristã.

A FOLHA:

A Campanha da Fraternidade olha em primeiro lugar a transformação de nossas atitudes na vida cotidiana; quer-nos lembrar que nós todos somos irmãos. Que aspectos concretos da fraternidade o Sr. gostaria de ver melhor realizados?

D. ADRIANO:

Eu sou um leitor habitual das secções "cartas dos leitores" e "reclamações" de nossos jornais e revistas. Aí sinto o drama de nossa gente, pessoas humildes e também altamente colocadas, que muitas vezes só têm os meios de comunicação social para transbordar sua indignação e o seu sofrimento. A quem recorrer? é a pergunta de um grande número de pessoas em face dos problemas de cada dia que não são resolvidos. Diante de um sem-número de falhas e defeitos, de irresponsabilidades e de trapaceiras de nossa vida pública em quase todos os setores todos nos sentimos desamparados e abandonados, à mercê completa dos acontecimentos.

A Campanha da Fraternidade poderá modificar alguns aspectos da nossa vida social, por exemplo: os serviços públicos?

Claro que sim se nos serviços públicos se encontrarem cristãos autênticos ou ao menos cristãos que, a partir de agora, entrem em si mesmos e se dispõem a exercer o seu cargo como serviço prestado aos irmãos.

Exemplos tirados dos jornais e portanto da vida de cada dia?

Duas moças portuguesas querem-se candidatar a um concurso do Banco do Brasil. São universitárias. Têm a seu favor o artigo 199 da Constituição Federal e o Decreto nº 70.391 (12-04-72) que identifica brasileiros e portugueses nos dois países irmãos. Apesar de todas as qualificações são barradas na pretensão: o funcionário nega-lhes o direito de se inscreverem e comete grossura contra elas.

Alguém passou mais de um mês fora de casa. Quando chega, recebe a conta da Companhia Telefônica Brasileira, cobrando as 90 chamadas normais e mais outras que nunca foram feitas. A quem recorrer contra a arbitrariedade de uma companhia de prestação de serviços?

O morador de uma rua permanentemente inundada telefona ao Departamento de Limpeza Urbana, pedindo que mandem desentupir um bueiro. Fazem promessas e ficam nas promessas. A quem recorrer?

A segurança pública nas grandes cidades, no Rio, por exemplo, está sempre em xeque. Apesar de tentativas louváveis e de profissionais competentes, as cartas dos leitores denotam, em confirmação do que todos nós sentimos dia a dia, uma falta absoluta de segurança, precisamente num regime político que coloca a segurança entre as duas metas prioritárias. Ninguém tem certeza, em nossas cidades grandes, de voltar para casa, de entrar são em casa. A quem recorrer para obter a segurança que é a condição básica de toda a atividade dos cidadãos?

A quem recorrer, na sociedade de consumo, contra as explorações contínuas de qualidade, de preço dos gêneros alimentícios e outros bens de consumo?

O leite que se bebe nas grandes cidades, o pão, o café, o arroz, o fubá, a farinha, o feijão, a manteiga, ninguém sabe com certeza o que está acontecendo. Não se entra numa loja, num armazém, num supermercado com a certeza de ser bem servido. Entra-se com a prevenção e com espírito de defesa contra um concorrente poderoso e desleal.

Haverá solução?

Soluções legais pode haver, deve haver. Mas como são precárias e frágeis. Depois de uma primeira etapa de fiscalização rigorosa, de multas, de inquéritos rigorosos, etc., tudo entra na rotina de sempre, sem faltar a corrupção dos fiscais. Os irresponsáveis que exploram os irmãos sabem perfeitamente como amaciar a engrenagem burocrática. E lançam mão de todos os meios para se manterem donos da situação.

A solução — em plena liberdade e a partir do sentimento da fraternidade — só se encontra se tivermos o espírito de serviço, se nos sentirmos irmãos uns dos outros. Difícil. Mas não impossível.

A FOLHA

Ano 3 - 02 de março de 1975
Nº 142

Publicação Litúrgica sem fins lucrativos da
Mitra Diocesana de Nova Iguaçu.

Mitra Diocesana de Nova Iguaçu.
Rua Mal. Floriano Peixoto, 2262.
Caixa Postal 22.
26.000 Nova Iguaçu, RJ.

Utilidade Pública — Lei 6.311 de 25 de
setembro de 1970.

Composto e impresso nas oficinas gráficas
da Editora VOZES Limitada. Petrópolis, RJ.

PARA VOCÊ PARTICIPAR DO CULTO DOMINICAL

3º domingo da quaresma — dia 02 de março de 1975

O pão da amizade

C = Comentarista; L = Leitor; D = Dirigente; T = Todos.

1. CANTO DE ENTRADA — C.F. 1975

E todos repartiam o pão

E não havia necessitados entre eles.

Nossos irmãos repartiam os seus bens / fraternalmente tinham tudo em comum / e era grande a alegria e união / no dia-a-dia e ao partir o pão.

Hoje de novo a palavra nos reúne / e com a mesma união e alegria. / Vamos na ceia do Senhor "Partir o pão" / para depois repartir / com nosso irmão.

2. ACOLHIDA

C. Dona Maria vê bater meia-noite sem que o marido tenha chegado em casa. De madrugada com vizinhos e amigos sai à procura dele no emprego. Não o encontrando bate às portas de hospitais e delegacias, inutilmente. Quantos você conhece que no seu bairro passaram por isso? (Silêncio... vamos pensar...).

C. No Rio de Janeiro, desaparecem 600 pessoas por mês e 29.200 por ano. Será que essas pessoas tiveram quem repartisse com elas o pão da amizade?

Estribilho:

T. A palavra de Deus nos fala:

"Vocês que não são meu povo

Não endureçam seus corações

Na hora da provação e do desafio".

C. "O Globo" escreve: "Abandono do lar é tônica maior entre os homens procurados. Na sua maioria têm idade superior a 30 anos e são sempre da classe mais pobre. Procura de emprego, falta de condições para o sustento da família, aventura amorosa, além de uma opção pelo submundo, são as maiores justificativas apresentadas por eles quando localizados".

Estribilho:

T. A palavra de Deus nos fala: etc.

C. O recenseamento de 1970 mostrou que em cada grupo de 100 brasileiros 40 têm menos de 14 anos. Quantas dessas crianças não estão desaparecidas ou abandonadas pelos pais, que não sabem ou não podem criá-las, nessa sociedade injusta em que vivemos?

Estribilho:

T. A palavra de Deus nos fala: etc.

C. Construímos nossa Comunidade Paroquial e nela procuramos estreitar a Amizade, a Comunicação, fazer aí um lugar feliz para os católicos. Mas precisamos nos lembrar que Cristo veio alargar os limites do nosso amor. Manda que amemos os nossos inimigos.

Estribilho:

T. A palavra de Deus nos fala: etc.

C. Queremos paz e amor e não a guerra. E nem sabemos que existem 16 toneladas de bombas para cada habitante do mundo.

Estribilho:

T. A palavra de Deus nos fala: etc.

C. Contudo, o que mais esquecemos é a guerra fria. Esta consiste nas injustiças estabelecidas em nosso Continente e que divide os saciados dos famintos.

Estribilho:

T. A palavra de Deus nos fala: etc.

3. ATO DE RECONCILIAÇÃO

C. Cristo conversava de igual para igual com toda gente: pobres, ricos, ladrões, prostitutas, fiscais, mestres enfim, tanto com os bem vistos pela sociedade como também com os marginalizados dela. Na sociedade de hoje temos essa atitude de Cristo?

(Silêncio... Vamos pensar...).

D. Pelo medo dos cristãos, em lutar contra as causas da prostituição, dos desajustes de família, do analfabetismo, dos desempregos.

T. Senhor, tende piedade de nós.

D. Pelas vezes que não quisemos saber daquilo que em nossa sociedade causa tanto desemprego, leva tantos ao abandono do lar e faz muitos escolherem o submundo.

T. Cristo, tende piedade de nós.

D. Pelas vezes que somos indiferentes ao fato de tantos desaparecidos de suas famílias e de tantos menores abandonados.

T. Senhor, tende piedade de nós.

4. ORAÇÃO

Ó Deus que entregaste teu filho à morte, / para que os homens / levassem a sério o amor e a amizade, / faz que por este encontro / abramos os olhos para todos que nunca serão gente, / se não começarmos hoje a repartir com eles / o pão da amizade.

5. 1ª LEITURA — ÊX 17,3-7

C. Hoje, como no tempo de Moisés, muita gente reclama contra Deus. Onde está Deus, se o povo está sofrendo tantas violências? É preciso não esquecer: O Deus que ama seu povo quer que ele acorde, se una e se liberte. Deus caminha com o povo para torná-lo capaz de conseguir a total libertação.

T. Demos graças a Deus.

6. 2ª LEITURA — ROM 5,1-8

7. CANTO — ACLAMAÇÃO AO EVANGELHO

Estribilho:

Honra, glória, poder e louvor,

A Jesus, nosso Deus e Senhor.

A. É Ele o pão que se vai repartir.

O pão da palavra que vamos ouvir.

B. O homem não pode viver só de pão, Mas vive quem guarda a Palavra de Deus.

9. 3ª LEITURA — JO 4,5-42

C. Muitas vezes nós perguntamos quem dará o primeiro passo para restabelecer as boas relações partidas entre duas pessoas. Só quem busca ter um coração de carne saberá, como Jesus, por meio do diálogo, repartir o pão da amizade.

Leitores: L1. Cronista: L2. Jesus: L3. Samaritana: L4. Povo.

L1. Jesus chegou à cidade de Samaria, chamada Sicar, perto das terras que Jacó havia dado a seu filho José. Ali estava o poço de Jacó. Ao meio-dia mais ou menos, Jesus sentou-se junto ao poço, cansado da viagem. Uma mulher samaritana veio tirar água, e Jesus disse:

L2. Por favor, me dê um pouco d'água.

L1. (Os discípulos de Jesus tinham ido até à cidade comprar comida).

L3. O Senhor é judeu e eu sou samaritana. Como é que pede água?

L1. (Ela falou isto porque os judeus não se dão com os samaritanos).

Então Jesus disse:

L2. Se você soubesse o que é que Deus pode dar, e quem é que está pedindo água, você pediria e ele lhe daria água da vida.

L1. Ela respondeu:

L3. O Senhor não tem balde para tirar água, e o poço é fundo. Como é que vai conseguir esta água que dá a vida? Nosso antepassado Jacó nos deu esse poço. Ele, seus filhos e seus animais beberam água aqui. Será que o Senhor é mais importante do que Jacó?

L1. Então Jesus disse:

L2. Quem beber desta água tornará a ter sede, mas aquele que beber da água que eu der nunca mais terá sede. Porque a água que eu lhe der, será nele como fonte viva que dará vida eterna.

L3. O Senhor quer me dar dessa água?

L1. Pediu a mulher.

L3. Assim eu nunca mais terei sede, e não precisarei mais vir aqui buscar água.

L2. Vá chamar seu marido e volte aqui.

L1. Mandou Jesus.

L3. Eu não tenho marido.

L1. Respondeu a mulher.

L2. Você falou bem, dizendo que não tem marido, pois já teve cinco e esse que você tem agora não é de fato seu marido. Sim, você falou a verdade.

L3. Agora eu sei que o Senhor é profeta.

L1. Respondeu a mulher.

L3. Nossos antepassados adoraram Deus nesse monte, mas vocês, judeus, dizem que Jerusalém é o lugar onde devemos adorá-lo.

L2. Mulher, creia em mim.

L1. Disse Jesus.

L2. Chegará o tempo quando ninguém vai adorar a Deus neste monte, nem em Jerusalém. Vocês, samaritanos, não sabem o que adoram, mas nós sabemos o que adoramos, porque a salvação vem dos judeus. Mas virá o tempo, e de fato já chegou, quando os verdadeiros adoradores vão adorar o Pai, em espírito e verdade. Pois são estes que o Pai quer que o adorem. Deus é espírito, e por isso os que o adoram, devem adorá-lo em espírito e em verdade.

L3. Eu sei que o Messias, chamado Cristo, tem de vir.

L1. Respondeu a mulher.

L3. E quando Ele vier, vai nos explicar tudo.

L2. Eu: sou o Cristo. Eu, estou falando com você.

L1. Afirmou Jesus. Naquele momento, chegaram seus discípulos e ficaram admirados porque Ele estava conversando com uma mulher, mas nenhum deles pergun-

tou o que ela queria. E também não perguntaram a Jesus por que estava conversando com ela. Em seguida, a mulher deixou o pote, voltou até a cidade e disse aos moradores dali:

L3. Venham ver o homem que disse tudo o que eu fiz. Será que Ele é o Cristo? L1. Assim, muitos saíram da cidade e foram até onde Jesus estava. Muitos samaritanos daquela cidade creram em Jesus porque a mulher tinha dito: "Ele disse tudo o que eu fiz". Quando os samaritanos chegaram, pediram a Jesus que ficasse com eles e Ele ficou ali dois dias. Muitos outros creram por causa da mensagem d'Ele e diziam à mulher:

L4. Agora nós cremos porque nós mesmos ouvimos falar, e não pelo que você disse. E sabemos que Ele de fato é o Salvador do mundo.

L1. Palavra da salvação.

T. Demos graças a Deus.

10. PRECES DA COMUNIDADE

D. Confiantes na generosidade de Cristo, que soube se comprometer com as pessoas, rezemos dizendo a cada invocação:

T. Vem, Senhor, libertar teu povo!

• Para que a nossa comunidade compreenda que a Igreja existe, não só para os que são seus membros mas para cada um que ao seu modo procura o bem e a verdade, rezemos.

T. Vem, etc.

• Pelos seiscentos desaparecidos durante este mês na cidade do Rio e também pelos desaparecidos de nossa cidade, rezemos.

T. Vem, etc.

• Pelos padres, Bispos e pessoas da Igreja que estão mais preocupados com a organização de suas Igrejas e não percebem esses problemas que afligem nossa gente, rezemos.

T. Vem, etc.

• Pelos 40% de jovens de nossa população, para que eles possam crescer em uma sociedade mais atenta a suas aspirações, mais disposta ao diálogo e à amizade, rezemos.

T. Vem, etc.

• Por todos aqueles a quem nós nos acostumamos desprezar: prostitutas, ladrões, marginais, presos e pingentes, rezemos.

T. Vem, etc.

"Outras preces".

11. CANTO DE OFERTÓRIO — DA C.F. 75

Os cristãos tinham tudo em comum / dividiam seus bens com alegria. / Deus espera que os dons de cada um / se repartam com amor no dia-a-dia.

Deus criou este mundo para todos; / quem tem mais é chamado a repartir / com os outros o pão, a instrução e o progresso / fazer o irmão sorrir.

12. ORAÇÃO DAS OFERTAS

D. Nós te oferecemos, Senhor, neste pão e neste vinho / todo o sofrer do teu povo. / Por este sacrifício / nos sentimos animados a encarar de frente os desafios e provações / para que teu povo tenha uma vida digna de filhos de Deus.

13. INVOCAÇÃO APÓS A CONSAGRAÇÃO

T. Salvador do mundo, salva-nos. Tu que nos libertaste pela tua morte e ressurreição.

14. CANTO DA COMUNHÃO — DA C.F. 75

O pão da vida, a Comunhão, / Nos une a Cristo e aos irmãos / E nos ensina abrir as mãos / para partir e repartir o pão (Bis).

Lá no deserto a multidão / Com fome se-

gue o Bom Pastor / Com sede busca a nova Palavra: / Jesus tem pena e Reparte o pão.

Na Páscoa nova da nova lei, / Quando amou-nos até o fim, / Partiu o pão, disse: "Isto é meu corpo, / Por vós doado: Tomai e comei!"

Onde houver fome, reparte o pão, / E tuas trevas hão de ser luz: / Encontrarás Cristo no irmão, / Serás bendito do eterno Pai.

15. ORAÇÃO FINAL

D. Senhor, queremos te agradecer o pão / que neste encontro repartiste conosco. / Por ele fortalecidos / saibamos enfrentar os desafios e provações de nossa sociedade injusta / e assim possamos viver como irmãos. Nós te pedimos por Cristo Nosso Senhor.

T. Amém.

16. CANTO FINAL — DA C.F. 75

O corpo de Cristo / É o pão do altar. / A mesa é de todos: / Irmão, vem sentar. Um dia reparte / com Deus o seu pão / O homem da fé / o Pai Abraão / O filho de Deus / Jesus nosso irmão / Reparte na missa / com todos o pão.

O pão repartamos / Em todo lugar: / Na Igreja, na Escola, / Na rua, no lar: O pão da Palavra, / O pão da Cultura, / O pão da amizade, / O pão da procura.

17. DESPEDIDA

D. Voltando para casa, não nos esqueçamos, nesta semana, de nos perguntar: Cristo transformou a vida da samaritana, e a vida de muita gente. O que você está fazendo para transformar a vida de nossa gente?

(Bênção final).

Criança é que recebe alimento na boca

Tão perto do altar como estava, não podia deixar de observar a variedade de atitudes dos que vinham comungar. As crianças tomavam a hóstia na mão, entre o polegar e o indicador, mergulhavam no cálice e levavam à boca. Retiravam-se com naturalidade e respeito. Os adultos nem sempre conseguiam executar o rito com o mesmo desembaraço. Vi que quatro ou cinco pessoas se aproximaram de mãos postas, apresentaram a língua e esperaram o padre. Sem reação de censura, o padre fez para elas o gesto que se recusavam ou não sabiam fazer: tomou a hóstia, mergulhou no cálice e, depois, depositou na língua exposta sem constrangimento.

Enquanto o rito se desenrolava, a comunidade ia cantando:

"Com amor eterno eu te amei.

Dei a minha vida por amor.

Agora vai, também ama o teu irmão".

Vendo o povo comungar, ouvindo a comunidade cantar, eu ia tomando consciência de como tudo estava mudado. No dia de minha primeira comunhão, estava tão nervoso com os conselhos de minha mãe, da catequista ("não mastigue a hóstia", "não deixe colar no céu da boca", "se colar..."), que logo após ter engolido a hóstia não resisti mais. Vomitei. E foi um escândalo. Minha mãe levou as mãos à cabeça, como se o vômito fosse um sinal de minha indignidade. O padre ficou atônito, sem saber o que fazer com o vômito esverdeado, em que se podiam perceber pedaços brancos de hóstia. A catequista procurava conter os meus

colegas. Pouco depois a cidade inteira sabia que o "filho de dona Ritinha vomitou a hóstia".

Aquela primeira comunhão não me saiu mais da cabeça. Era como uma censura permanente. De nada adiantou o padre ter explicado à minha mãe que "o menino estava nervoso" e "que o longo jejum por causa de alguma coisa comida na véspera tinha prejudicado o fígado". O vômito ficou para mim como um castigo de meus inúmeros pecados de criança.

Depois que deixei minha terra pelo Rio, para ganhar a vida, deixei também de ir à igreja. Não tinha mais memória da última missa a que assistira. Agora eu estava ali por causa da morte de um colega de repartição. E achava tudo tão diferente. Na verdade, eu não tinha saído da Igreja por alguma negação ou revolta. Saíra como muitos outros que conheci, na ponta dos pés, sem protesto, sem barulho.

Os católicos conservadores, ciumentos dos valores da tradição, estão cada vez mais inquietos com as mudanças. Aceitam dificilmente que os tempos são outros. Para eles viver é repetir hoje exatamente como no passado. Vi um resto deles naqueles que se aproximavam da comunhão tal como na minha infância. A atitude deles não me atraía, porque me lembrava coisas que eu queria esquecer para sempre. A paciência e tolerância para com eles, é a melhor atitude. Nada de brigas por coisas secundárias. O sentido do gesto depende de quem o faz. Se a hierarquia permite que cada um tome sua hóstia e comungue é porque não somos crianças, em cuja boca a mãe coloca o alimento.